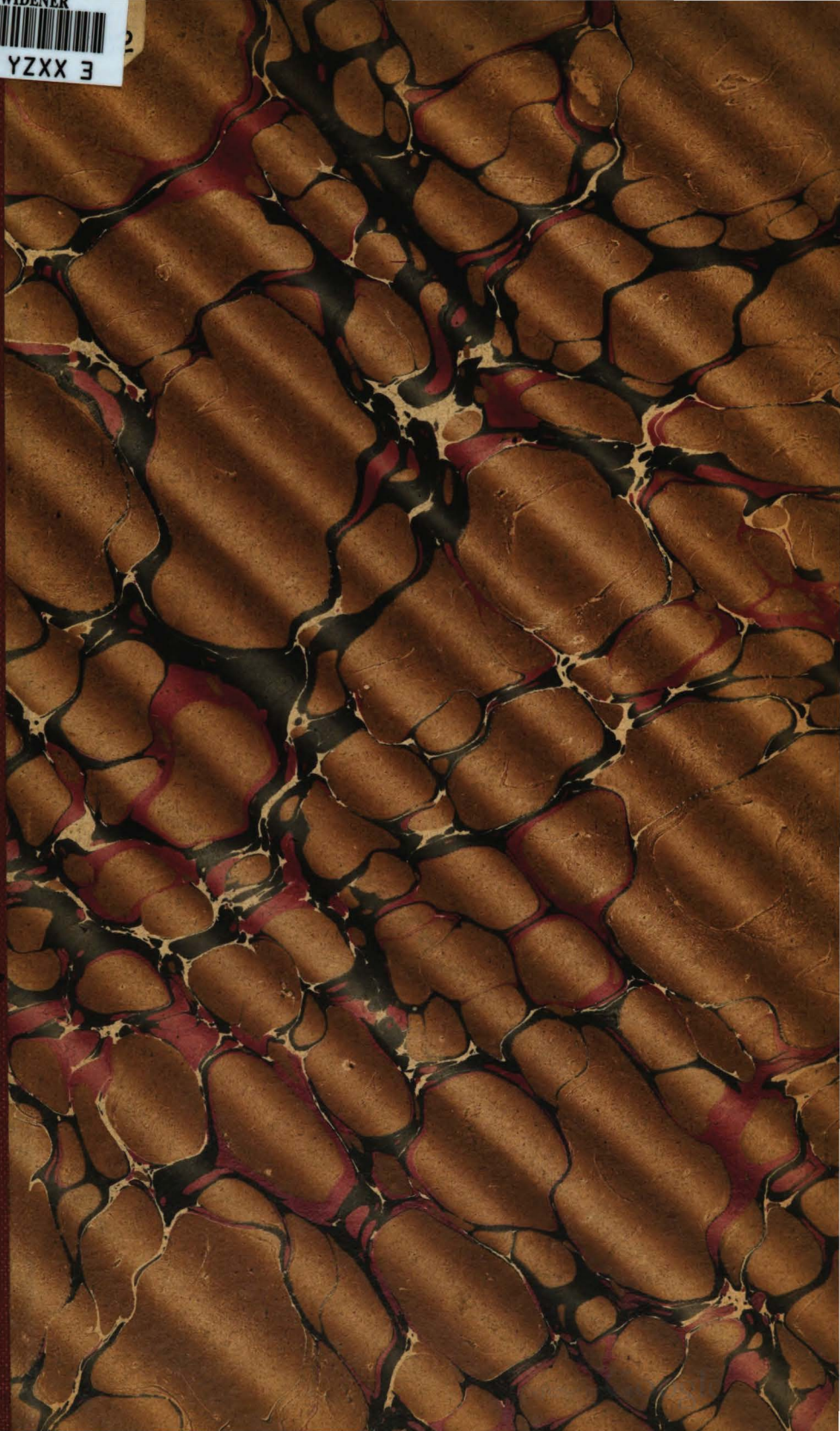
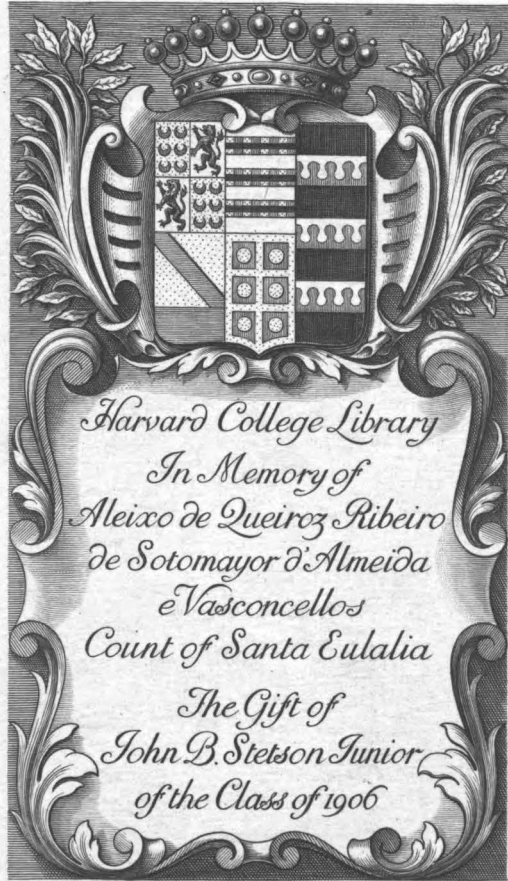


Rocha - Sermão em Accção de Graças pela
Restauração da Monarchia Inúependente - 18

WIDENER

HN YZXX 3





SERMÃO ACADEMICO
EM
ACÇÃO DE GRACAS
PELA FELIZ RESTAURAÇÃO
DA
MONARCHIA INDEPENDENTE,
QUE
NO SOLEMNE TRIDUO CELEBRADO
PELA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA
NA SUA REAL CAPELLA
RECITOU

○ DOUTOR FR. ANTONIO JOSÉ DA ROCHA;
PRÉGADOR REGIO, E LENTE CATHEDRATICO
DA FACULDADE DE THEOLOGIA,
A 25 DE FEVEREIRO DO ANNO DE 1824.



COIMBRA,
NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1824.

Com Licença da Real Comissão de Censura,

Lemos
v. 16
70
3 6 12
Coim-40

Port 692.24.782

✓

CONFIDENTIAL

HARVARD COLLEGE LIBRARY

FROM THE LIBRARY OF

FERNANDO PALHA

DECEMBER 3, 1928

CONFIDENTIAL

CONFIDENTIAL

CONFIDENTIAL

CONFIDENTIAL

CONFIDENTIAL

CONFIDENTIAL

CONFIDENTIAL

CONFIDENTIAL

A. H. H. H. H.

CONFIDENTIAL

CONFIDENTIAL

CONFIDENTIAL

S E R M ã O
E M
ACÇÃO DE GRAÇAS

P E L A
MONARCHIA RESTAURADA.

Venite ad me . . . et ego reficiam vos.

S. MATEU.

EXaltar de jubilo nas venturas do Estado, e vir por ellas render no Templo. Graças ao Altissimo, é uma acção bem digna do homem, ainda mais digna de Christão, e dignissima de Cidadão Portuguez. Eu nada vejo tão heroico e sublime, como unir em laço estreito sentimentos Religiosos com affecções Patrioticas. Zelo pelo esplendor d'amada terra do nosso nascimento: zelo pela gloria do Grande Ente, nosso Moderador, n'uma palavra, Religião e Patriotismo são as molas reaes da Sociedade, pólos da virtude, fontes d'elevação e de grandeza. Embora o Cidadão apathico, o Egoista insensivel veja de sangue frio e olhos enxutos sobrevirem á Nação exaltadas fortunas: sua alma de gelo é incapaz de sensações nobres. Mas aquelle, que for bem nascido e bem formado, e peito sensivel, aonde influirem principios generosos, e dominarem propensões finas e delicadas, este ao lisongeiro aspecto da felicidade publica, sentirá effusões de alegria: lágrimas ternas, doces palpações, votos ao Ceo, louvores ao Altissimo,

eis aqui as bellas consequencias do seu alvoroço. Jámais ellas tiverão lugar tão justo, como no grande e feliz successo, que instaurando a gloria do Throno, e mudando a face do Imperio, abriu scenas ditosas, e mostrou ao mundo o braço Divino visivelmente estendido sobre nós. Sim nos vierão sempre do alto mercês assignaladas, e bafejou incessante a Providencia este seu predilecto Reino; mas afoito-me a dizer, sem ser traidor á verdade, que nunca os beneficios Celestes forão tão sensiveis e brilhantes, como na presente e pavorosa crise. Quando nós mais estavamos afundados em um pélagos de males, e o pavor de outros ainda maiores nos gelava o sangue, veio então soar em nossos ouvidos esse brado animador e suavissimo, que a boca do SENHOR proferio, e o actual Evangelho menciona: « Vinde a mim, afflicta gente, e eu vos consolarei. » *Venite ad me, qui onerati estis, et ego reficiam vos.* O Immortal fallou, e a sua voz portentosa, tão efficaz hoje, como quando pronunciou a existencia do Mundo, faz logo sair das trevas a luz, do caõs a ordem, do abysmo a perfeição; isto é, fallando sem imagem, faz sair dos horrores de uma Dominação confusa e tyrannica a belleza de um Governo tutelar e justo. A Patria foi então salva, o Throno resurgido, a Religião segura, e a tranquillidade dos Povos em bases firmissimas sustentada. Neste phenomeno venturoso que sincero Patriota poderá conter no peito os sentimentos, e na garganta as vozes? Que genuino Portuguez haverá, que não diga extatico: *Ao Céo Graças, a nós parabens! ao Céo, d'onde fortuna tamanha veio; a nós, onde ella tão docemente se emprega.* Com effeito a Nação inteira exulta, applaude o seu destino, e manda ao Céo agradecidos louvores. Eu os vejo agora subir de ponto nesta sempre famosa Academia. Ao passo que longa sabedoria e extensas luzes dilatão a esfera da sua intelligencia, retrasce a abundancia e vivacidade dos seus jubilos: é que o hem quanto mais se conhece, mais se valoriza. Genios vastos e profundos sabem, que a paz, a gloria e a fortuna das Nações se firmão como em central e marmorea columna, na força de um Governo sabio, legitimo, inde-

pendente; e que uma vez essa columna minada e aluida, o Edificio social desabando, vem a terra em pedaços, não deixando ver talvez em seculos, mais do que miserandos estragos e reliquias. Assim fenecem os Imperios mais poderosos! assim o viajante nos desertos da Syria não vê attonito senão os mutilados restos de Ninive, Babylonia e Palmyra, outrora florentes Monarchias, hoje solidão e ruinas! A luz clara destas verdades guiando os Sabios de tão egregia Athenas, acende nos seus animos o fogo da sensibilidade, o entusiasmo da gratidão, e os conduz ao templo, para erigir nelle á Eterna Sapiencia trofeos tão Religiosos, como Civicos, pela Instauração do Throno, segurança do Imperio e ventura da Nação.

Gostoso eu me penetro dos mesmos sentimentos, e era mais que sobejo á minha ambição ficar sendo nelles vosso mudo e simples Consocio: mas destino mais arduo veio cair-me em sorte; eu tenho de erguer a voz no meio do Santuario, e desenhar o quadro de novas e brilhantes felicidades Patrias. Se alguma vez desejei ser eloquente, se jámais quiz eu ter a pompa e energia dos antigos Oradores, foi sem duvida n'um dia tão fausto, e n'um assumpto tão magestoso: não sendo porém dado á pobreza de meus talentos desferir a gala e primores da alta eloquencia, só dirijo o meu animo a fazer o mesmo, que na antiga reedificação dos muros de Jerusalem o mimimo Hebreo fazia: não chegando a mais suas forças debeis; fa com gosto deitar no alicerce uma simples pedra. Assim venho eu, qual o menor dos Israelitas, lançar tambem a minha diminuta pedra no edificio da geral alegria. E para dar algum plano a minhas idéas, eu proponho mostrar-vos o que é o Governo legitimo, e o que é o Governo faccioso: vereis na belleza de um, na deformidade do outro como DEOS desengana Portugal e o Mundo de Revoluções.

Possa eu fallar a lingoagem do sentimento, da verdade e da Religião! DEOS Grandé, inspirai-me, pois que sois o Arbitro das Nações, e o Regulador dos Imperios. Em quanto a vós, Srs., não me detenho em sollicitar benigna attenção: ella é indubitavel, fallando, como realmente fallo, a Christãos, a Sabios, a Portuguezes.

Pergunta-se ha quarenta seculos ; qual é a melhor fórma de Governo ; e as longas meditações dos Sabios , os constantes exemplos da experiencia , e mais que tudo os Oráculos Divinos tem decidido pelo Governo Monarchico. A Natureza o inspira , a Religião o consagra , e quanto ha pelo Universo apresenta delle imagens e typos clarissimos. Um DEOS governa o Mundo : um Sol rege os Planetas : o corpo humano tem uma cabeça : cada familia tem um Chefe , e as Nações outra coisa não são , mais do que familias varias do Genero humano. A' sua sombra tem florecido os maiores Imperios , durado a maior paz , feito progressos a maior Civilização. Foi o primeiro de todos os Governos , e a Asia , berço das Sociedades , vio em as mais antigas eras formarem-se no seu ditoso clima vastas e opulentas Monarchias , a cujo abrigo protector repousarão as Gerações Orientaes do Mundo primitivo. Desde então o Mando Regio anda acompanhado de tradições venerandas e memorias Religiosas : cerca-se de tal respeito e opinião , que resistir-lhe , é como resistir a DEOS , primordial fonte de todos os poderes : *Qui potestati resistit , Dei ordinationi resistit.* Tal é na sua fórma nativa o melhor dos Governos legitimos , por quem falla sempre , e fallará a voz da natureza , a auctoridade dos seculos , a praxe das Nações , o voto augusto da Religião , chegando mesmo o Auctor Supremo do Universo a pintar-se na Dignidade Regia. *Ego dixi , Di estis vos.* Depois destas idéas , em tão pura fonte bebidas , fica axioma inquestionavel ser o lustre , a Magestade , a Soberania qualidades innatas ao Solio , inauferiveis da Realeza. O Sofista temerario , que ousa envilecer o Throno , desnatura as coisas , e reproduz o cahos. Diminui ao Sol o seu esplendor , tolhei os seus movimentos , e vereis como logo sem esse fogo , que anima , sem essa luz , que esclarece , perde-se a belleza e harmonia do Universo. Por igual teor segue-se a confusão é desordem social , uma vez que Genios maleficos , seduzindo

es povos, desautorizão a seus olhos illusos a Magestade do Solio. Já um Profeta disse, que em as Nações se illudindo e agitando, a decadencia dos Reinos é infallivel: *Conturbatae sunt Gentes, inclinata sunt Regna.* Eu podia em abono desta verdade fazer, agora aqui longos arazoados politicos; mas não cabendo isso nas leis do tempo e do lugar, deixo os Publicistas, e marcho á Historia: alli me são patentes os documentos irrecusaveis da experiencia, da experiencia, que é a Mestra do Mundo, e a Mãe dos desenganos.

Ponho-vos diante dos olhos essa França, no meio da qual rebentou o medonho volcão Revolucionario, cujas lavas ardentes, desejosas de queimar e fazer cinzas a todos os Sceptros e Coroas, tem assolado os tempos modernos, e hão de talvez assolar remotas idades. Vede como esse Imperio; a flor dos Imperios, se ostenta ao Mundo tão soberbo e próspero em uma Monarchia de 14 seculos, e como ao depois, voltadas as scenas, apparece tão infeliz e humilhado no feneço jugo de quasi 30 annos facciosos. Já os furores Demagogicos, já o frenezim Republicano, por fim a tyrannia de um Usurpador levárão esse Reino a um pavoroso abysmo, e se não fóra a unica taboa de refugio, que achou, lançando-se novamente em o seio dos Bourbons, o Povo mais brilhante da Europa ia ser riscado da lista das Nações independentes. Tanto é verdade, que só o Governo de Soberanos legitimos é o verdadeiro porto do Genero humano!

Porém, Srs., deixemos exemplos alheios, que assaz temos que aprender nos proprios, os quaes, ainda que por bondade de DEOS não sejam tão calamitosos, não ficão por isso menos instructivos; antes levão luz ao entendimento, sem levar tanta mágoa ao peito. Sempre que eu medito as coizas da Patria, vejo desenganado, que duas tem sido as grandes fontes de gloria e ventura Nacional, Fé a DEOS, Amor ao REI. Liga-se o destino dos povos por vinculo indissolvel ao destino de seus Monarchas, que são verdadeiramente no horizonte politico os sublimes Astros de quem recebemos luz, calor, movimento. O seu eclipse denuncia também o nosso: tres, grandes eclipses tem obscuredo o Solio

Portuguez, e tres alluviões de calamidades vierão sobre a Nação: testemunha os dias infaustos de *Leonor e Mestre de Avis*; a época lastimosa dos *Filippes*; e ainda ha pouco a sabida e dolorosa catastrophe. Pelo contrario, sempre que os nossos Reis em serena e brilhante marcha despedem livremente o seu esplendor e fogo, uma grossa enchente de felicidades banha e fertiliza todas as classes do Imperio.

Para levar isto ao maior ponto de luz, façamos uma curta e rapida analyse do que mais nos ilustra e enche muitas paginas brilhantes da nossa Historia. Quem poz os fundamentos admiraveis da nossa elevação e grandeza? Quem enramou de viçosos loiros o berço do Estado? Foi o Throno na plenitude dos seus poderes. Quem rompeo os vedados mares do Oriente, descobrio novos Geos e novos Climmas, juntando ao Mundo antigo um Mundo novo? Quem fez que o Oceano fosse nosso Dominio, a Civilização da Europa nossó effeito, e o Globo em todas as suas latitudes theatro da nossa gloria? Foi o Throno na plenitude dos seus poderes. Quem fomentou as Artes, promoveo as Sciencias, erigio o Templo magestoso de Sabedoria, com que este Paiz se ufana, e donde sae, como de foco brilhante, um turbilhão de luzes clarissimas a todo o Reino? Foi o Throno na plenitude dos seus poderes. Quem levantou os monumentos de Architectura famosos, com que Lusitania se esclarece? Falla por mim, estupendas Arcadas e Zimbórios da Batalha, Templo augusto de Belem, vastos Edificios de Mafra, assombroso Aqueducto de Lisboa: o écho forte, que resoar por tantos marmores e abebedas, outra coisa dizer não pôde, senão: Foi o Throno na plenitude dos seus poderes. Quem mesmo, ainda que já de nós ausente e transferido a outro hemisferio, fez instaurar a Patria, e repellir com denodo tres aggressões medonhas? Quando todo o Continente desde o Niemen ao Tejo ajoelhava ao Idolo do tempo, e a Europa fascinada não via, por me servir de um bello exemplo da Escriptura, não via em o novo Nabuchodonosor senão a figura de ouro; Portugal mais fino e penetrante divisou-lhe os pés de barro: essa pequena pedra, de que falla o Profeta, foi nessa mão, que

ã despédio , e com ella derribou ao chão a estatua celebrissima, *lapis exaisus est, et percussit statuam in pedibus fictilibus*. Nossos Exercitos triunfantes alem dos Pyreneas, e campeando victoriosos pelas margens do Garona e planicies do Languedoc, quebrarão ao Tyranno o Sceptro dentro em sua mesma casa. Quem influencia nestes prodigios raros? Foi o Throno na plenitude dos seus poderes. Finalmente vindo a nossos dias ultimos, quem salvou a Nação do abyssmo Revolucionario, em que se via quasi sepultada, e a trouxe novamente ao seio da paz e da ventura? Foi o Throno, não já, Srs., na plenitude dos seus poderes, mas sim na sagacidade do seu comportamento. Por uma fortuna indizivel o Ceo nos fez então o mimo precioso do mais discreto Soberano, que vio o Mundo. Elle soube com arte infinita tirar a Náó do Estado fóra dos cachopos e syrtes perigosas, a que inhabeis Pilotos a havião conduzido. Calculando em sua alta prudencia o imperio das circumstancias, o fogo das paixões, a divergencia dos sentimentos, nega-se judicioso a uma guerra de ataque. Justo avaliador das crises politicas, sabe que ha lances, delicados lances! em que no fazer nada é que consiste fazer tudo. Guiado por estes principios, e não querendo em modo algum abrir caminho a esse baptismo de sangue, em que as Revoluções se tingem, oppoem a Facção dominadora um systema negativo de moderação e condescendencia, pausa de tempo, heroico soffrimento. Em breve corda um exito prosperissimo esse porte benigno e quasi teleste. Cae por si mesmo a nova Torre de Babel, abrem-se os olhos, desengenaõ-se os animos, e a Nação inteira, como ferida de um toque electrico, vóa a repór no Throno, e encher de benções o Real temporizador.

Eleve agora Roma até os Astros o seu Fabio Maximo, dê-lhe vaidosa o nome de *Cunctator*, porque soube com prudentes delongas illudir os Generaes Carthaginezes, e obter um grande resultado, sem a perda dos homens, nem o risco das batalhas. Proeza muito maior fez o noaso Rei incomparavel, illudindo com uma sabia temporização a esses, que se prezavão de serem em Politica astuciosos Annibaes. Tactica

fina e prudentissima os venceu , os derribou ; conseguindo assim para a Nação uma gloriosa fortuna sem a luta das paixões , sem o incendio da guerra , sem o flagello d'anarchia. Quanto melhor compete ao Vencedor Portuguez esse elogio soberbo , que fez Roma ao Dictador : *Unus qui nobis cunctando restituit rem* : Unico homem , que soube , prudentiando , salvar o Estado !

Mas ah ! Srs. , que eu me illudo , citando profanos exemplos ! O original dessa conducta admiravel esteve muito antes na Palestina em o Povo Santo ; foi a sua copia que se transferio a Portugal. Tómo nas minhas mãos os Livros Sagrados , e folheando os Annaes da Monarchia Hebraea , vejo o famoso Saul em face de uma Conspiração , cujo alvo insolente era abater-lhe o respeito e menosprezar-lhe a auctoridade : *Filii Belial despexerunt Regem*. Que faria então um Principe , a quem a propria mão do SENHOR marcava os passos ? *Insiluit in eum spiritus Domini*. Deixa medidas violentas , e faz sómente um discreto uso de prudencia e dissimulação. *Ille vero dissimulabat*. Mas se por um lado havia esse partido conspirador , por outro lado o Povo , cuja voz é tantas vezes a voz de DEOS , solta vivas e clamores ao Rei legitimo , que o Ceo lhe dera : *Clamavit omnis populus : Vivat Rex*. Saul retira-se a Gabá : *Abiit Saul in Gabaa*. Vai com elle parte do Exercito , a quem DEOS movia os corações : *Abiit cum eo pars exercitus , quorum Deus tetigerat corda*. Expira logo a atroz Conjuração , e Saul goza em cheio os Foros Magestáticos.

Ah ! Srs. , estão por ventura confundidos os tempos ? É ao antigo Monarcha Hebreo ; ou ao novo Rei Lusitano , que este bello quadro representa ? Eu não sei que possa haver pontos mais felizes de contacto , cuja grata applicação deixo ao voosso pensar judicioso , dizendo sómente , que ainda aqui não pára o insigne paralelo. Saul , esmagada a Conspiração , solta da boca , então verdadeiramente Regis ; essas palavras dignas de serem n'um bronze eterno gravadas : *Non occidetur quisquam , quia fecit Deus salutem in Israel*. Pois que DEOS foi quem visivelmente salvou o Estado , eu por DEOS não quero tirar a vida aos homens : *Non occidetur quisquam*.

Marcha pelo mesmo trilho glorioso o nosso Rei magnanimo, practicando assim esse alto Heroismo, que com a mesma grandeza d'alma faz o bem, e perdôa o mal. Que abysmo se não abria debaixo de nossos pés; que profunda voragem de odios, vinganças, proscricções, a não ser a bondade sem limites do novo Saul, que á maneira do antigo de Israel, grato a DEOS, amigo dos homens, alheio de sangue, não quer em modo algum ver enlutada a palma do seu triunfo! Seja embora Rei no Poder, timbra de ser Pai na ternura, de que dá penhores indubitaveis, estendendo uma benignidade generosa, mesmo a sediciosos Gracchos. Oh quanto é bello e sublime appresentar a oliveira da paz, quando se tem cingida a frente com os loiros da victoria! Isto é que alegra o mundo, captiva os animos, e prende mesmo a fortuna ao canto do vencedor: isto é que motiva ser o Senhor D. JOÃO VI., como tão felizmente é, o Idolo, as delicias, o Tito da Nação, reinando muito menos sobre o nosso Paiz, do que sobre os nossos corações, Throno, a que poucos Monarchas sobem: isto finalmente é que desempenha os oraculos da Escriptura, quando enche de benções aquella Nação, que tem a joia de um Rei clemente: *Ecce venit tibi Rex mansuetus.*

Aqui porém, Srs., releva saber d'onde brota essa qualidade eximia, que n'um auge tão subido aformosea o Rei e bemaventura os Povos. Duas são as fontes, e bem preciosas, de que ella traz a sua origem. Acho a primeira no mimoso presente, que o Ceo lhe fez, de uma alma eminentemente boa, podendo dizer com outro Rei pacifico, o amavel Salomão, *sortitus sum animam bonam.* Acho a segunda nos bellos exemplos de paz e mansidão, que lhe ministra o Solio Augusto de seus Maiores, sempre affavel, generoso, dado ao bemfazer: *talent de bien faire*, dizia por si e por todos o maior filho de Rei.

Ninguém pôde duvidar, que a bondade é o iman dos Thronos, e que a muitos delles orna o singular brazão da clemencia, sendo mesmo as sagradas Letras, que dão esse elogio aos Soberanos da Casa de Israel: *Audivimus quod*

Reges domus Israel clementes sint. Eu posso á boca cheia , dizer o mesmo das tres famosas Dynastias , que hão presidido com gloria immensa aos destinos Portuguezes. Venha o mais austero observador , e na longa feira de vinte sete Monarchas sponte um só , que ache exercendo , não digo já as tyrannias monstruosas de Caligula , Nero , Domiciano , mas nem mesmo as durezas , ou caprichos de um Sultão. Doce experiencia é fiel Historia nos mostra a todos elles , governando antes em qualidade de Pais benignos , do que Chefes imperiosos. *Pela Lei e pela Grei* , dizia um grande Principe nosso , ao tomar a divisa do Pelicano. Eis a cifra do bom Governo ! Eis a estrella polar , que sempre guiou nossos Reis clarissimos , de quem o Soberano existente herda o sangue , possui a Coroa , imita o Heroismo.

E aqui tendes , Varões Academicos , desenhada em rudes , mas fiéis traços a bondade do Governo legitimo. Por onde quer que nossos olhos se toquem , só offerce lidos bellos e consoladores : o seu nome é synonymo de paz e ventura. Bem dita a hora , em que elle nos foi restituído : nossa fortuna é incalculavel ; mas para que isto ainda receba nova luz , cumpre fazer o quadro do Governo Faccioso : Segunda Parte , de que passo já a fallar-vos.

NOvo genero de publicas desgraças veio por fatalidade distinguir e afeiar os tempos modernos. Este Globo, sempre banhado em sangue e lagrimas, sempre gemendo c'o peso de acerbos males, vio novamente accrescer a elles um espirito vertiginoso, um furor Revolucionario, que pondo em turbulencia as cabeças humanas, inquieta os Povos, abala os Thronos, derriba os Governos. Tumultos, rebelliões, geral transtorno de idéas, Leis e costumes, eis o malfadado cuhuo da idade presente, que ousa chamar-se Filosofica e illustrada, quando só lhe compete o nome de sediciosa e louca. Leva este mal os seus estragos a todas as classes, mas é especialmente nas mais altas e respeitaveis que o seu furor se emprega. São tempestades politicas, e o raio destas, semelhante ao da Natureza, fere os pontos mais elevados. Desde a infauستا Revolução Franceza, quasi se não vê na Europa Throno, que não fosse victima de commoções terribes. Quem ouvirá com olhos enxutos a lista dos Reaes infortunios? Luiz XVI. acaba os seus dias na fatal guilhotina: o mesmo ferro decapita sua Esposa, a Filha dos Cesares. O Delfim, Herdeiro das Gallias, expira joven em um calaboiço. Cáem dos seus Thronos os Reis da Polonia, de Napoles, de Sardenha, de Hetruria, de Hollanda, N'antiga Scandinavia vejo Gustavo III. cravado de ballas mesmo nos regozijos de um festim publico: a outro Gustavo seu Successor poem-lhe cadeias, arrancão-lhe a Coroa, e inda hoje elle vaga ao desamparo. Os Moscovitas assassinão Paulo I., o Czar de todas as Russias, no descanso do proprio leito. Pio VI., o Vice-Gerente de DEOS, o Successor de 25o Pontifices, geme captivo em Florença, e vai ainda mais longe terminar os seus gemidos e a sua existencia n'uma Torre do-Delfinado. O Sceptro das Hespanhas e das Indias foge das mãos a Carlos IV., que vê findar no desterro e na indigencia os seus dias inquietos. Basta de scenas luctuosas, que ainda muito mais se prolongão. E quem haverá, que não verta uma lagrima,

que não exhale um suspiro, ao ver por um lado a espantosa queáda das mais altas fortunas, por outro lado a falsidade de luzes, e a míngua de virtudes deste preconizado seculo, que só sabe dar o amargoso fructo de Revoluções e catastrophes, a todo o Globo esténdidas? Que Povo, que se não agitasse? Que Solio, que não tremesse? Mas ah! que se o mal é generico, eu tenho fundados sustos pelo meu Paiz! Viria tambem sobre elle o flagello assolador? Veio fatalmente, e eu vejo desembainhar-se contra nós a espada de Justiça Divina. Golpe foi dessa espada a guerra injusta, que o Filho maior da Revolução, o Tyranno Europeo nos fez com tão barbara perfidia. Golpe foi dessa espada a conclusão vergonhosa dos dous iniquos Tractados de Badajoz e Madrid, que nos espoliárão da fertil Olivença. Golpe foi dessa espada a invasão subita de nosso territorio, e o abrigo forçado; que o melhor dos PRINCIPES foi buscar nas ondas do Oceano e Possessões Trans-Atlanticas, por fugir ás garras de um bravo aqor. Golpe foi dessa espada o triplo assaeto de nossas Provincias, tantos estragos á Nação, lutos ás familias, perdas ao Commercio, feridas ao Thesoiro. Golpe em fim, e o mais terrivel golpe foi dessa espada o Governo Faccioso e Anarchico, que n'um periodo de tres annos lançou ao Reino pesadas cadeias.

Faixas desse Volcão Revolucionario, que havia corrido e devastado a Europa, ateando-se em cabeças Portuguezas, produzirão o vasto incendio politico, de que ainda vemos fumegar as cinzas tepidas. Abrirão fatal caminho circumstancias as mais desastrosas, em que nunca se vio a Nação Pórtugueza: fallo nos tristes effeitos e pungentes males, que deixou uma guerra devastadora: fallo no exemplo contagioso da Hespanha, astro maior, de quem uma Política mesquinha nos manda sér obediente satellite: fallo na misera orfandade, em que nos vimós pelo tão alongado afastamento do nosso bom Rei, estendendo em vão os Portuguezes ao Oceano os olhos e os desejos. Tudo isto fazendo esmorecer os bons, deu alento aos máos, que se achárão como n'um aberto campo, para executar os atrozes projectos, que havião meditado nas

cavernas dos seus corações. A Nação vio-se de repente á borda de um abysmo: e ainda que eu reconheço aqui o dedo da Providencia, a cujos acenos ou cáem, ou se levantão os Imperios; tambem vejo o laço perfido, que a malicia humana teceo.

Já nos tempos de David quiz DEOS provar os animos na adversidade: *Probasti nos, Deus*. Mãos insidiosas armárão um laço funesto: *Induxisti nos in laqueum*. E qual seria esse castigo do Ceo, esse laço da terra? Foi impor-lhe sobre a cabeça muitos homens a governar: *Imposuisti homines super capita nostra*.

Igual infortunio veio sobre os Portuguezes: uma cohorte de Soberanos facticios, um Governo monstruoso de mais cabeças, do que braços, collocou-se á frente da Nação, armando-lhe o laço de vistosas promessas, melhoramentos rapidos, scenas felizes, uma nova idade de oiro. Mas ah! que se não enganão impunemente os Povos: bem depressa DEOS, o tempo e a verdade desfizerão o prestigio, e desmascarárão as Sereas enganosas, que nos cantavão sobre escolhos. Caio o vanissimo Imperio, e involtos na mesma ruina cairão os seus Auctores. É já morto esse Governo: vamos nós agora fazer o processo á sua memoria, como o antigo Egypto o fazia ás cinzas ainda quentes dos seus Faraós: ou antes como a Escriptura o fez a Balthazar, Rei de Babylonia, cujas acções sendo pesadas na balança da Justiça, nenhum peso, nem valor se lhes achou. *Appensus est in statera, et habitus est minus habens*. Succede o mesmo aos novos Balthazares, que apossando-se das Regalias Soberanas, estabelecêrão um Regime Babylónico, isto é, de confusão e desordem. Querendo ser mais sabios, que a Natureza, melhores calculistas, que o tempo, começam por desprezar aquillo, que desde longos seculos havia feito o Evangelho politico das Nações. Em vez de fundar os seus Codigos, como Moysés, Solon, Lycurgo, no rochedo firmissimo da verdade, da experiencia e dos costumes, os fundão na solta e movevida arêa de planos vagos, theorias abstractas, quimeras de um Filosofismo destruidor.

Perdido assim o tino da verdadeira Legislação, combatem de frente idéas e habitos Nacionaes, offendem direitos os mais sagrados, derribão Instituições solidas, antigas, veneraveis. Devia brotar d'aqui, como logo brotou, o pamo da discordia, seguir-se o desprazer das classes, turbar-se a harmonia publica, e huma vez aluida essa pedra angular, a grande Maquina do Estado, a quem deviamos sete seculos de ventura, se desorganiza, e vai caíndo em ruinas. Aquí vejo o Commercio decadente, as Artes nullas, as Finanças exhaustas. Além ergue o collo a impiedade. Vogão paixões soltas, usos libertinos, Escriptos licenciosos; toda a Moral publica se deprava, e sem ella não ha, nem haver póde solida grandeza. A poucos passos invadem-se as propriedades, insulta-se o Clero e a Toga, cobre-se o Reino d'exilados e de opprimidos. Uma vara de ferro se estende para fazer mudas as bocas, e apathicos os animos. Pasmão a esta scena as Nações da Europa, e os Gabinetes mais consideraveis, retirando os seus Ministros, deixão Portugal n'uma especie de excommunhão politica.

Pararião aqui os nossos infortunios.² De nenhuma sorte: elles são como as ondas em mar procelloso, que de continuo se empolão e succedem umas a outras. Separa-se da Mãe Patria o Brasil immenso: uma guerra estranha ameaça nossas Provincias, outra Civil já nellas sacode os seus flagellos: fuma o sangue dos Abeis derramado por Cains, e accusando, como diz a Escripura, mãos fraticidas, levanta aos Ceos um triste clamor: *sanguis fratris tui clamat de terra ad me.*

Porém, Srs., donde se deriva mal tamanho? Qual é o desacerto capital dessa Legislação funesta, que só produz espinhos e abrolhos? Vêde como usurpada a Soberania, e destruida a mola Real do Imperio, para logo o bem cessa, e o mal surge a montes. As solidas bases da nossa ventura firmavão-se nesse pacto original e primitivo da Monarchia Independente, a que a vontade dos Povos e a veneração dos tempos havia dado, além de uma sanccão augusta, já mesmo uma especie de culto; mas logo que falsos Politicos, calcando

Leis Patrias e Votos Nacionaes, reduzem o Monarcha a simples Doge e vão fantasma, foi um machado agudo, instrumento de morte, que se poz á raiz da bella arvore, que produzia no Estado fructos de vida.

Em vão deixão elles ainda ao REI o nome e o diadema: são inuteis flores, com que ornão a Victima, que já tinham meio degollada, pondo-lhe balizas intransgredivéis, e traçando-lhe á roda, como Popillio ao Rei da Syria, um circulo estreito, aonde só podesse mover os passos. Que dirião esses antigos Heroes Portuguezes, vendo sem poder um Rei, sem Magestade um Throno, a cuja sombra é que elles fizeram esses prodigios de valor e lealdade, essas inclytas façanhas, que nos derão seculos de gloria? Que dirião os nossos antepassados Reis, que estiverão sempre no gozo pleno e uso bellissimo da alta Soberania? Ah, Srs. ! a mim me parece, que elles se levantão das espessas sombras dos seus tumulos: como que vejo uma longa serie de Coroadas Figuras, movendo os aridos pés, inclinando as myrrhadas cabeças para observar as nunca vistas mudanças deste Reino. Buscão Portugal no mesmo Portugal, e o não encontrão. Que assombro, que mágoa não é a sua, ao ver tão desfigurada a famosa Monarchia! Elles possuindo o Throno em gloria, com palmas, com trofeos, e o seu digno Filho possuindo-o em desdoiro, e só com um lugubre cypreste na mão! Figura-se-me ouvil-os proferir sentidas queixas, e lamentar o Sceptro decaído e inhabil a proezas. Os Affonsos tão bravos dizem: *Se um bando de Facciosos nos impozesse a Lei e tolhesse os vóos, nós não poderíamos expellir os Mauritanos, conquistar o Algarve, e encher de fortalezas e de gloria ao Reino todo.* O sabio DINIZ exclama: *Eu não seria, como fui, o Pai generoso de meus Povos, o Fautor das Letras, o Rei Povoador e Agricola.* O egregio, o perfeito JOÃO II. diz: *Eu não poderia comprimir as Facções do meu tempo, senharear as Costas e Minas de Africa, alargar o mundo conhecido; levando a Navegação, como levei, ainda ávante do Cabo das Tormentas.* O grande, o felicissimo D. MANOEL diz attenito: *Eu não descobrira a India, nem enchêra a Patria*

de gloria e de opulencia , fazendo entrar pela foz do Tejo as riquezas do Oriente. Já no meu Gabinete Genios apoucados e Conselheiros mesquinhos querido atar minhas mãos para não engrandecer o Reino , e assombrar o Universo.

A este modo gemem os outros Monarchas , e quemem lagrimosos e tristes voltar ao descanso frio da sepultura. Não , sombras Magestosas , ainda não : suspendei um pouco a afflicta marcha para os Reaes Jazigos. Mais algum tempo , e vereis dissipada , como fumo , essa Facção desorganizadora , que a vós enche de mágoa , e a nós de desventura. Mais algum tempo , e uma Grande RAINHA , negando-se a juramentos iniquos , é o Iris benigno , presagio de paz e bonança : é a innocente Pomba , que deitada fóra da Arca , como o delirio cá a deitou , annuncia o abatimento das agoas , e o fim do diluvio. Mais algum tempo , e no sempre leal , sempre heroico Paiz de alem dos Montes resôa o primeiro écho da Restauração do Throno , e resôa nestes mesmos dias , que aqui nos juntamos , faustos , memoraveis dias , que andarão sempre escriptos com penna de oiro em os Annaes Lusitanos. Mais algum tempo , e um generoso INFANTE , sobranceiro a temor e perigos , arvóra , para nunca mais se abater , nas Provincias do Sul , a mesma bandeira , que já fluctuava nas montanhas do Norte. Agora , Manes Augustos , podeis gostosos e tranquilllos baixar ao fundo de vossos Mausoleos , aonde vos ha de sempre acompanhar o amor e a saudade da Patria.

Já com effeito , já descanso em paz , e respirão gostosos os leaes Portuguezes. Desfez-se a tempestade , que a todos pavor infundia : fugio de nossos horizontes a nuvem electrica , que tantos raios lançou , e muitos outros ameaçava. Acabou em fim a Revolução ; porém , Varões Academicos , jámais deve acabar , nem o seu horror , nem o nosso desengano. Apprendamos d'esta , por favor do Ceo , pouco tragica , e das outras do Globo tão feias , horriveis e sanguinosas , apprendamos um justo odio e bem fundada execração a fenomeno tão desastroso. Quem , por impavido que seja , não tremerá , olhando para esse pelago de tormentas e naufragios ? Quem

lhe não ha de gelar o sangue nas véas ao ver tanta queda de Principes , tanto luto de Nações , tanta ruina d'Estados ?

Quando DEOS quiz punir e transtornar o Imperio Baby-lonico , diz a Escripura , apparecêrão os dedos funestos de uma mão incognita , escrevendo na parede certas letras me-donhas , que a todos fazião erguer os cabellos , e cair os corações. Era a sentença de morte ao Rei , e desgraças á Nação. Ah ! e não posso eu dizer que a tremenda mão das Revoluções é em nossos dias para a Europa o que foi a antiga para Babylonia ? Não nos espantão aqui tambem morte de Reis , infortunio de Povos ? Não se escrevem com letras de sangue tantas paginas da Historia moderna ? Venhão as Gerações turbulentas lér aqui o seu lastimoso fado , e sentar-se , como Mario , sobre estas ruinas tristes para uma doloroso , mas necessario desengano. Saiba o mundo de uma vez para sempre , que Revoluções não são , como se diz , remedio de males , são sim , como se vê , abysmo de hor-rores e tyrannias. Inglaterra degola Carlos I. como Despota , e o implacavel Cromwel reina com um despotismo e ferocidade nunca vista. França decapita Luiz XVI. como Tyranno , e a Facção terrorista verte mais sangue em dous a tres annos , do que nunca verteo a Monarchia em seculos de existencia. Eu quizera , Srs. , ajuntar todas as Nações em volta desses dous Thronos caídos e ensanguentados , e apontan-do-lhes com o dedo para as ruínas , em que foi Troia , mostrando-lhes tantos estragos e cinzas aiada fumegantes , dizer-lhes com uma voz de bronze , uma voz , que lhes troçasse nos ouvidos e nos corações : « *Audite haec , omnes Gentes* : Ouvi , Povos da terra , ouvi , e desenganai-vos : uma Revolução é o flagello mais espantoso , que a ira de DEOS solta aos homens : aquillo , que na ordem fysica são as pestes , os incendios , os terremotos , são na ordem moral os abalos e convulsões politicas. Arrancão lagrimas , que nunca se enxugão , descarregão golpes , que nunca se cicatrizão. Esses mesmos Povos , que delirantes as fizerão , chorão logo amargamente , e vão arrependidos juntar com mãos tremulas os fragmentos dispersos , e construir novamente o edificio ,

que na sua demencia abatêrão. Vêde Carlos II., o Filho da Victima, reinando pacificamente em Londres: Vêde Luiz XVIII., o Irmão do Martyr, occupando com gloria o Throno de seus Avós. A justiça e a verdade por fim triunfão. »

Mas basta, Srs., já o pincel cança e a mão desfallece: assás longe me conduzio o nobre calor e justo zelo, que me inspiravão as coisas Patrias. Pintei-vos, quanto em mim era, a bondade do Governo Legitimo, e os feios males do Governo Faccioso. Já por benignidade Celeste um expirou, outro nos foi restituído. Consummou-se a nossa ventura: que resta pois agora, senão cair aos pés do Throno Divino, e com todo o affecto de nossas almas offerecer-lhe o justissimo tributo de candidos agradecimentos. Louvemos por tanto o nome do SENHOR. Louve-o tudo quanto existe no Ceo: *Laudate Dominum de Caelis*. Louve-o tudo quanto existe na terra: *Laudate Dominum de terra*. No Ceo louvem-no os Anjos de paz, que foi de paz a nossa Restauração: *Laudate Dominum omnes Angeli ejus*. Na terra louvem-no os Monarchas socegados já, e firmes nos seus Thronos: *Laudate eum omnes Reges terrae*. E os Poyos, que á sombra de legitimos Governos vão viver dias tranquillos, louvem tambem o nome do SENHOR: *Et omnes populi laudent nomen Domini*. N'uma palavra, seja geral no Ceo e na Terra a confissão dos louvores Divinos: *Confessio ejus super Caelum et Terram*.

Eu disse.

